

## A AÇÃO TRANSFORMADORA DOS CONTOS DE AUTORIA FEMININA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA NA PERSPETIVA PEDAGÓGICO-INTERVENTIVA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

*THE TRANSFORMING ACTION OF FEMALE-AUTHORED TALES IN CONTEMPORARY BRAZILIAN SOCIETY FROM THE PEDAGOGICAL-INTERVENTIVE PERSPECTIVE OF CONCEIÇÃO EVARISTO*

**Antônia Rosa Almeida** 

Escola Estadual José Brígido Pereira Pedras Corinto  
Corinto, MG, Brasil  
[antoniarosa545@yahoo.com.br](mailto:antoniarosa545@yahoo.com.br)

**Levi Leonido Fernandes da Silva** 

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD  
Vila Real, Portugal  
[levileon@utad.pt](mailto:levileon@utad.pt)

**João Bartolomeu Rodrigues** 

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD  
Vila Real, Portugal  
[jbarto@utad.pt](mailto:jbarto@utad.pt)

**Elsa Maria Gabriel Morgado** 

Universidade Católica Portuguesa, UCP  
Bragança, Portugal  
[elsa.morgado@ipb.pt](mailto:elsa.morgado@ipb.pt)

**Resumo.** O conto contemporâneo de autoria feminina surge na literatura brasileira como um instrumento literário capaz de alterar o status quo do ser humano enquanto indivíduo, contribuindo desta feita para o aperfeiçoamento humano. Surge e manifesta-se como causa e efeito de transformação social: em primeiro lugar, assume a reivindicação da própria escrita feminina que busca o seu lugar no panteão da literatura; num segundo momento, ao jeito de fermento, vai levedando a massa que teimosamente cria resistências à mudança e paulatinamente vai ampliando as possibilidades transformadoras de que a escrita feminina é capaz de operar na sociedade, tornando-a, porventura, mais consciente de si, da sua natureza essencialmente dialógica. A expressão e valorização do conto brasileiro é sintoma suficientemente claro da aparição de um diálogo que nasce no intertexto da literatura feminina e se manifesta no formato de um plano dinâmico capaz de colocar o homem todo e todo homem na rota de uma nova axiologia ancorada em valores mais altos que se alevantam na defesa acérrima de um povo bem instruído capaz de colocar o seu país no carril do desenvolvimento: a literatura feminina será para a contista não um fim que se esgota em mesmo, mas o meio privilegiado de lançar à terra a boa semente e esperar que a colheita se traduza no nascimento de uma sociedade mais justa, mais fraterna, ancorada em alicerces humanitários.

**Palavras chave:** conto contemporâneo; Conceição Evaristo; brasil; escrita feminina.

**Abstract.** The contemporary tale of female authorship appears in Brazilian literature as a literary instrument capable of altering the status quod of the human being as an individual, thus contributing to human improvement. It appears and manifests itself as a cause and effect of social transformation: first, it assumes the claim of feminine writing itself that seeks its place in the pantheon of literature; in a second moment, like leaven, it raises the dough that stubbornly creates resistance to change and gradually expands the transformative possibilities that feminine writing is capable of operating in society, making her, perhaps, more aware of herself, of its essentially dialogical nature. The expression and valorization of the Brazilian short story is a sufficiently clear symptom of the appearance of a dialogue that is born in the intertext of female literature and manifests itself in the format of a dynamic plan capable of putting the whole man and woman on the route of a new axiology anchored in values tallest people who rise up in the fierce defense of a well-educated people capable of putting their country on the rail of development: women's literature will be, for the short story, not an end that ends in itself, but the privileged means of launching the good seed and hope that the harvest will translate into the birth of a more just, more fraternal society, anchored in humanitarian foundations.

**Keywords:** contemporary tale; Conceição Evaristo; brazil; female writing.

### INTRODUÇÃO

Partir do princípio de que a vida em sociedade requer uma integração plena do ser humano na sociedade, no que respeito diz aos direitos e deveres do cidadão, é o pressuposto necessário para entender que a educação é *per se* um requisito universal para alavancar a condução dos indivíduos e dos povos rumo à perfeição, entendida esta como sinónimo de evolução humana. Neste contexto, urge considerar a representatividade dialógica da vida e capacitação do cidadão para agir com liberdade, responsabilidade e compromisso consigo mesmo e com seu semelhante. O conto brasileiro contemporâneo de autoria feminina torna-se presente na estreita relação que se estabelece entre a aquisição do conhecimento e a apropriação desse mesmo conhecimento e o uso que dele se faz para interagir com o meio em que vive,

particularmente no que concerne à afirmação e estabelecimento de uma cidadania capaz de facilitar a promoção dos direitos humanos.

A transformação que a educação definitivamente exerce na vida das pessoas gera uma necessidade interior de mudança de comportamento, tornando o ser humano, porventura, mais reivindicativo, dos direitos que concorrem para a construção da cidadania: cidadania essa ancorada na descoberta de valores, direitos e garantias.

O conto brasileiro contemporâneo de autoria feminina busca, assim, o leitor para um diálogo aberto que ocorre no espaço social e geográfico, mas que remete para o foro íntimo de duas consciências: a da mulher negra que escreve e a do leitor virtual, ou seja, alguém que faz a leitura, sendo negro ou não. E esse interlocutor virtual é alguém que se apropria dos seus valores e percorre os passos da pluralidade do conhecimento, no que diz respeito à igualdade de possibilidades múltiplas de cada um, em relação ao que devidamente a educação lhe proporciona. Olhares particulares que emergem isolados em pequenos grupos são fios da mesma trama que tecem a urdidura comunitária que estimula o processo de aquisição das virtudes necessárias no universo axiológico conhecido como lições de vida, ou escola da vida.

A escritora, poetisa, romancista e ensaísta brasileira, Maria da Conceição Evaristo, uma acérrima defensora da cultura negra e respetiva valorização, assume-se como um dos pilares da literatura contemporânea. Nascida a 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte, de uma família pobre e humilde, cujo géneo literário se centra no romance, conto e poesia, teve de conciliar os estudos com o trabalho de empregada doméstica. As suas obras versam sobre temas como a discriminação racial, género e classe, não deixando de refletir sobre questões como a militância, as conquistas históricas e os preconceitos perante a obra dos autores negros. As dimensões políticas e sociais são encarados como factores determinantes da sua ação e militância, exercida de várias formas ao longo da vida no plano da sua intervenção pública.

## **O CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: SUAS DEFENSORAS**

A história da escravatura não é infelizmente uma realidade recente. Esta *praxis* esclavagista remonta aos primórdios da Humanidade. A Bíblia testemunha a escravidão dos hebreus no Egipto. A África tornou-se a partido século VII a fonte que alimentou e engrossou o fluxo contínuo de escravos que ao longo dos tempos se traficaram no Velho Mundo. A partir do século XVI, mais de 12 milhões de escravos africanos atravessaram o Atlântico em navios negreiros para povoarem explorarem o Novo Continente. Este sistema que se prolongou durante três séculos marcou, inevitavelmente, da forma mais dramática que possamos imaginar, o nosso mundo e a nossa história. Os contornos deste infernal tráfico humano são de tal ordem, que durante longo tempo foi impossível equacionar todos os seus mecanismos. Não faltaram, porém, vozes a partir do século XIX que se levantaram a denunciar não só as práticas passadas de crimes tão hediondos como as condições atuais dos filhos e filhas dessa avalanche africana de escravos.

Maria da Conceição Evaristo de Brito, com o seu livro de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), tornou-se uma das figuras marcantes da escrita feminina no Brasil contemporâneo não só pelo facto de na sua escrita abordar as questões que se prendem com a causa feminina, mas também porque “apresenta aos leitores tanto a escuta quanto a fala afro-brasileira” (Cruz, 2012, p. 255). Conceição Evaristo, mulher de armas, habituou-se desde muito cedo a travar o bom combate e a escrita no feminino surge nas suas mãos como arma ruidosa que a escritora afro-mineira empunha nas frentes da batalha em que empenha o seu combate. Arrancada à favela mineira de Belo Horizonte, trilhou o caminho das pedras e comeu o pão que o Diabo amassou. Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), sem sabermos bem se escreve – como o diarista íntimo – para si mesma ou se tem o leitor como confidente, a quem envolve e arrebatava com a sua escrita maior para o combate decisivo: educar o homem todo e todo o homem!

A mulher, a ativista, a escritora, a professora sabe que a educação é o único caminho que pode levar a sua luta a porto seguro e a escrita é o meio privilegiado capaz de envolver e convocar todos e cada um a participar, à maneira de fermento, na transformação do mundo, tal como Gadoti (2006) a entende: “a terra é o nosso primeiro grande educador. Educar para outros mundos possíveis é também educar para encontrar o nosso lugar na literatura, no universo. Educar para a paz, para os direitos humanos, para a justiça social e para a diversidade cultural” (Peres & Cid, 2007, p.33). De qualquer forma, renovar é, não só, a palavra de ordem, mas também uma maneira de superar os obstáculos, acreditando que a mudança é uma possibilidade real que nos situa na senda do crescimento e nos antecipa a utopia da evolução humana.

Conceição Evaristo não está sozinha. A História da Literatura ensina-nos que outras mulheres travaram a mesma luta, tendo a escrita feminina como arma de arremesso: esta foi ganhando espaço num terreno que era exclusivo dos homens e, pouco-a-pouco, foram conhecendo o sabor das pequenas vitórias.

Assim se foi fazendo o caminho: semeando hoje aqui, colhendo amanhã ali, os doces frutos temporãos das boas sementes que mulheres ousadas tiveram a coragem de lançar à terra (Hanher, 2003; Almeida, 2017).

Este olhar feminino, esteticamente marcado pela negritude, carrega o estigma de uma violência que perpassa a escrita de Conceição Evaristo: em *Zaita esqueceu de guardar os brinquedos* (2007) e em *Ana Davenga* (1998), a violência apodera-se da condição feminina afro-brasileira, onde as personagens que se movem no espaço híbrido da indefinição das fronteiras compungem o leitor a tomar partido pela causa tão real e atual arrancada à ficção, mas é sobretudo no introito de *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) que a autora aposta na formação dos seus leitores, leitores críticos que saibam ler nos interstícios das páginas ficcionadas os verdadeiros sinais de uma realidade concreta e atuante que emerge na ficção:

Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (Evaristo, 2011, p. 11).

A escrita de Conceição Evaristo não se inibe em procurar metáforas e outras figuras que busquem a força do dizer dominadoras que atinjam e firmem de morte os ouvidos e sobretudo as consciências dos seus leitores, mesmo que para isso tenham que ser lidos em voz alta... Por vezes sente necessidade de parar para deixar o leitor na companhia incômoda das palavras que cortam como espadas afiadas de dois gumes: “No final da tarde, seus seios jorravam uma láctea aflição, que lhe empapava toda a veste, enquanto o pequeno faminto jazia triste, sem um choro sequer, quieto no bercinho” (Evaristo, 2011, p. 12).

“Escrevivências”: mais do que um conceito ou um neologismo que a autora cria, traduz-se num esforço de dizer, por palavras, o inefável de uma realidade ancestral, cuja raiz resgata no passado e entrelaça no futuro. “Escreviver” é para Conceição Evaristo muito mais do que a caracterização do seu próprio processo literário em que a ficção e a realidade se cruzam na escrita feminina de uma ativista; “escreviver” significa para Conceição Evaristo não só assumir a denúncia histórica que flagelou o seu povo, mas e sobretudo acreditar que é possível olhar para o futuro com esperança, contanto que a boa semente da educação seja lançada à terra e então, o eco da liberdade ressoará na voz da sua filha, como o declara no poema “Vozes – Mulheres”:

“A voz de minha bisavó | ecoou criança | nos porões do navio. | ecoou lamentos | de uma infância perdida. | A voz de minha avó | ecoou obediência | aos brancos-donos de tudo. | A voz de minha mãe | ecoou baixinho revolta | no fundo das cozinhas alheias | debaixo das trouxas | roupas sujas dos brancos | pelo caminho empoeirado | rumo à favela. | A minha voz ainda | ecoa versos perplexos | com rimas de sangue e fome. | A voz de minha filha | recolhe todas as nossas vozes | recolhe em si | as vozes mudas caladas | engasgadas nas gargantas. | A voz de minha filha | recolhe em si | a fala e o ato. | O ontem – o hoje – o agora. | Na voz de minha filha | se fará ouvir a ressonância | o eco da vida-liberdade (Evaristo, 2017, pp. 10-11).

É importante continuar a lutar pelos direitos humanos. Essa luta não é independente de outra conquista: a educação é condição *sine qua non* para que a mulher possa fazer o seu caminho, tendo em vista a sua liberdade, dignidade, trabalho e sobretudo a sua expressão de ideias para revigorar o desejo de seus semelhantes no convívio social. Caminhar de acordo com os pressupostos lógicos que advogam que a educação se manifesta na formação do cidadão, torna inevitável que se olhe para a história e observem as lutas das mulheres pelo direito à educação e a sua inserção na sociedade. Numa sociedade patriarcal, ao longo do século XIX, as mulheres tiveram que lutar para se estabelecerem na sociedade com muita dignidade e a educação foi o fator preponderante para a formação da cidadania que pretendia conquistar através do ensino o seu lugar de direito na sociedade: como empreendedoras, mulheres de armas, mães, chefes de família e sobretudo como baluartes nas ações participativas da pluralidade cultural, das ideais de liberdade, ideologia política, sem contudo perder a noção do tempo e a sua feminilidade, que contextualiza na expressão do seu ser, por apenas ser mulher. Neste propósito, vale ressaltar o posicionamento de Almeida ao referir que, “os desafios enfrentados pelas mulheres entre as marcas do sujeito no cenário brasileiro, em seu tempo e espaço buscando as transformações que se processavam buscando as duas vozes, o eu e o outro, relativamente cadenciais na estrutura dos direitos” (Almeida, 2017, p. 92). Nesta visão, é imperativo mostrar que um dos grandes desafios da educação reside na consciencialização e emancipação do cidadão, enquanto ser que se descobre e reconhece como sujeito igual ao seu semelhante,

independentemente das diferenças e características de cada indivíduo. Mais: essa igualdade reclama o direito à diferença e convoca o outro para um relacionamento que permite o posicionamento de entrega mútua.

### **A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA: VALORES E DIREITOS**

Do que fica dito percebe-se que é através da escrita feminina que o indivíduo pode fazer esse julgamento, essa permuta solidária, considerando o ápice do conhecimento, a sabedoria de vida, que ao longo da estrada percorrida pelo indivíduo resulte nesta provocação do bem comum, do fazer, do conhecer, do compartilhar, do aprender e sem sombra de dúvidas, o que é tão importante, quanto possível, o autoconhecimento, “conhece-te a ti próprio”. É nesta simbiose de relação cúmplices que a moralidade do conto de autoria feminina fará prevalecer a integridade dos valores, dos direitos e também dos deveres, que somente através da literatura o ser humano poderá transmitir, tornando o ser humano mais lógico e mais solidário. E acima de tudo mais participativo para ajudar na construção de um mundo melhor. Por outras palavras: a literatura educa!

Para conquistar a sua autonomia, o indivíduo deverá primeiramente ser capaz de se descobrir como sujeito da história: protagonista da sua da sua própria história, torna-se participante da história de outrem e nesse outrem reside a História maior de um povo. Essa participação, acontece de forma privilegiada pela mediação da literatura. Literatura poderá certamente ajudar a percorrer o caminho para alongar seus horizontes e desempenhar um papel positivo no contexto social da humanidade, cuja base dinâmica está contida na ação solidária do sistema educativo, que através da consciência coletiva realiza um trabalho extremamente importante na construção de uma nação, tendo em vista uma dialética metodológica projetada nos caminhos da cidadania, na referência do conhecimento, que acima de tudo coordena os passos da humanidade para não arrefecer no purgatório da ignorância.

A literatura supõe duas fases: a escrita e a leitura. A propósito da leitura, não resistimos a transcrever o elogio que Alexandre Herculano, em pleno século XIX, lhe teceu:

De todas as coisas que se oferecem ao Homem para lhe criar momentos de ócio, é a leitura talvez a mais aprazível, e seguramente a mais proveitosa. Sem quebrar o seu repouso doméstico, sem vaguear pelas ondas do oceano ou trilhar peregrino as direcções e desvios de países remotos, diante de seus olhos se corre o pano à cena do mundo passado e presente, e do mundo da ciência e da arte: trava conversação com as personagens mais distintas de todas as épocas e com os mais nobres engenhos de todas as idades: trata as inteligências dos diversos países, e bebe a largos tragos na taça da sabedoria. Cidadão de todas as repúblicas, membro de qualquer sociedade, contemporâneo de qualquer século, só o Homem dado à leitura pode com verdade dizer que para ele foi o Universos criado (Herculano, 1837, p.1).

A escrita feminina e o nome Conceição Evaristo também se encontra aberta a diversificação das ideias no contexto da informação, da tecnologia, que abundantemente compartilha a interação cibernética do indivíduo que enxerga o mundo como um emaranhado de possibilidades para participar, em igualdade de circunstâncias, no banquete da vida. A agressividade competitiva da contemporaneidade grita ardentemente por uma tábua de salvação – a educação.

O sentido do discurso da escrita feminina, em Conceição Evaristo, organiza-se em torno de ações humanitárias, socialmente integradas para que o indivíduo possa conquistar o seu lugar na sociedade, interagindo com o meio, tornando-o assim cidadão de pleno direito no que diz respeito ao progresso da nação. Todavia, os dois lados que envolvem o processo educativo (desenvolvimento integral da pessoa humana em todas dimensões e o contributo do cidadão para a formação da cidade) podem não estar sempre em sintonia. Por isso impõem-se algumas questões: - como cultivar o indivíduo, em ordem ao seu aperfeiçoamento integral, sem menosprezar ou negligenciar a intervenção cívica a que cada um é chamado? Como conciliar as legítimas ambições e expectativas pessoais, sem comprometer os compromissos com a sociedade que integramos?

### **CONCEIÇÃO EVARISTO E A AÇÃO DE VALORES**

A necessidade de garantir o diálogo de qualidade no conto brasileiro percorre o espaço transformador da ação participativa em que a literatura feminina procura encontrar a concepção destinada ao momento sublime do encontro com o leitor, visando acolher seus passos na historicidade da visão global da própria sobrevivência. O que compõe a escrita feminina é a luta, a força que estabelece uma ligação entre os dois expoentes do diálogo: o autor e o leitor correspondem ao grau da sobrevivência social. As representações que acontecem na consciência de quem escreve e na consciência de quem lê apresentam uma ordem

sequencial no diálogo que envolve a simbiose de relações entre quem escreve, perpassa toda a vida social, em múltiplos e variados núcleos: o núcleo da família, das políticas públicas e até mesmo da religião, uma vez que o indivíduo é condicionado por outros processos de socialização e enculturação, para além da leitura, que de forma cumulativa vão moldando o indivíduo pela aquisição de usos, costumes tradições que refletem, no nosso caso, o patrimônio compósito da alma brasileira.

Esta demanda em que a educação se manifesta reflete os valores e o compromisso de Conceição Evaristo com a afirmação dos direitos humanos. Não são palavras vãs: a sua escrita revela a sua prática pedagógica. E esta caracteriza-se pela coerência entre as palavras a sua *praxis*, por isso, ele é funcional. Neste sentido, a sua posição operante como escritora estabelece um compromisso fundamentado nas razões e evidências que cada leitor procura entender nas entrelinhas e no significado da vida de sobrevivência.

A estigmatização de uma escala axiológica que transparece na sua escrita apresenta desafios no campo da ética: vemo-la comprometida com uma busca incessante que procura compreender no agir humano a bondade, a justiça, a solidariedade e, sobretudo a honestidade. Como enquadrar o agir humano, com todas as variáveis que o envolve, sem correr o risco de prejudicar? Sem sombra de dúvida, o valor de cada um expressa o desejo de dignidade inerente a cada ser humano que se regozija na intenção de ajudar alguém, com o que de fato é mostrado no conto brasileiro contemporâneo de autoria feminina: projeta na figura do negro a voz afirmativa de um homem livre e não de alguém que representa o papel submisso que a história testemunha; mostra as suas vivências, a sua subjetividade para fortalecimento de suas causas; não se cansa de afirmar as razões de ser e de viver. Nesse sentido, o conto de Conceição Evaristo, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, busca esse valor, o valor e o respeito devido às mulheres, no que tange aos casos de violência contra a mulher, a desigualdade da condição feminina em relação aos homens. O conto é um provocador de novas sensações, porque transmite informação causadora de emoções ligadas aos anseios de liberdade, que envolve a questão de valores sociais ligadas ao papel individual de cada um, transmitindo assim subjetivamente ao leitor as impressões que as personagens e o enredo carregam.

A leitura não deixa o leitor indiferente: este fica a saber que precisa-se urgentemente de pessoas que tenham a complacência para enxergar o mundo cheio de possibilidades, com olhar crítico, participativo, capaz, atuante e envolvido com o próprio mundo, cheio de conhecimentos e de fácil acesso para todos inclusive para as mulheres e os negros, numa organização social. Neste sentido, o caminho nas relações humanas, procura o viver em sociedade para o resgate da valorização da vida para conduzir o indivíduo pelos caminhos da ética, da responsabilidade e da solidariedade, no meio em que está inserido o ser humano.

Conceição Evaristo percorre o lugar de cada um na sociedade para demonstrar a totalidade do indivíduo na sociedade. Na sua escrita, percebe-se o preenchimento do vácuo do consciente humano, em relação ao processo evolutivo de sua própria vida. Quem é, afinal, Conceição Evaristo? Uma mulher que representa tantas outras, cuja infância dura e pobre não desistiu de todos os seus sonhos. Não foi fácil encontrar na educação o seu caminho para a glória, pois desde seus oito anos trabalhava como empregada doméstica, porém através da educação alcançou êxito, com suas poesias e contos. Em seu poema "Vozes-mulheres", fez um relato minucioso de recordações de sua mãe, lavando roupa para as patroas e, é inegável que neste poema há um conduzir de outras vozes, vozes de outras mulheres, de mulher negra, que mostra a sua própria vivência, suas lutas. É de salutar importância o reconhecimento de cada voz que esteve presente e que também estão presentes na vida de cada um, na sociedade, que procura na história do Brasil esse novo tempo, cujo investimento está contido na educação. Dessa forma, a Literatura Brasileira, de forma crítica revela a experiência humana ao longo de cada período na história de um povo e, que através da escrita de Conceição Evaristo, pode-se ver a marca da mulher brasileira, a mulher guerreira, a mulher que embebida de suas lágrimas sofridas solta o eco da sua voz libertadora do mal opressor para escalar os degraus de toda a integridade humana e sentir as suas próprias dores e toda afetividade que pulsante em seu peito, se declara para uma nova vida, de direitos e dignidade. Qual é a voz de Conceição Evaristo? É a voz acolhedora, que de impacto emocional, nos retira de um mundo interior para exteriorizar a sobrevivência de cada um, que no marco de nossa história, lembra a dor da senzala, uma narrativa de sofrimento, que entra e sai de um passado, para expressar a nossa ideologia ancorada num presente de possibilidade e, enxergar um futuro com melhor qualidade de vida para todos.

Dessa forma, o conto brasileiro contemporâneo de autoria feminina estabelece no parâmetro de melhor poder se olhar o nosso passado com maior ênfase para avançar literalmente nas descobertas, para entender cada vez mais o ser humano, suas angústias, alegrias, como viveram, como morreram e como todas as lutas vividas por um tempo atrás, hoje, nos rejuvenescem e nos fazem ser melhores para conosco e para com a sociedade. Buscar em Conceição Evaristo uma reflexão sobre a estrutura linear da nossa vida, nos qualifica para compreender a evolução do ser humano. Através do conto brasileiro entendemos que a palavra

denomina o nosso poder criativo com maior expressividade para fantasiar a afetividade, o sentimento e sobretudo o prazer e a fruição, onde haverá a maior revelação da multiplicidade de valores sociais vivenciados pelo indivíduo. Para Marta Pontes (2010, p. 160) “a linguagem literária é polissêmica, ou seja, trabalha com vários sentidos, mostrando ao leitor várias possibilidades de compreensão das coisas”. Sendo assim, a escrita de Conceição Evaristo nos propõe uma nova reflexão sobre os valores sociais e também nos liberta de um passado opressor e nocivo aos nossos princípios, capaz de nos conduzir a um mundo fantasioso cheio de reflexões que possam oferecer novas ações diante da problemática social.

O discurso operante no conto brasileiro nos dá maior responsabilidade e compromisso para entender as razões e lutas sociais em busca dos direitos do cidadão. No decorrer da vida de Conceição Evaristo, como mulher pobre, que tem a voz do povo brasileiro, se faz presente a convivência social, política e cultural da sociedade para resguardar o direito de todos. É considerável entender na escrita de Conceição Evaristo os nossos passos para absolvição dos nossos próprios pecados contraídos pela história preconceituosa, que de geração em geração continua com esse julgamento, cuja consequência atingiu o patamar da indiferença e, que hoje com a demanda da evolução do conhecimento e o progresso da nação, não haverá, nem permitirá que a futura geração conviva com a cor púrpura da ignorância e venha a revitalizar a temática do preconceito. Portanto, o conto brasileiro contemporâneo de autoria feminina, permite uma consolidação de valores e pede mais justiça para a dignidade humana e, através do nome Conceição Evaristo, pode-se dizer que a nossa memória interage com a estrutura de uma nova ideologia, que procura a verdade de cada um, na caminhada realizada a cada dia que o ser humano ao longo de toda a sua existência se faz rotineiramente. Qual o caminho a percorrer? Lendo Conceição Evaristo, percebe-se que não há lugar para sedentários, a novos espaços com diferentes pegadas para se mover com maior intensidade. Haverá sempre um levantar da cortina do medo, da dor, do silêncio para ouvir a sua própria voz e no seu eco poder ouvir a voz do outro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expressão e valorização do conto brasileiro intensifica o diálogo na literatura que possui o plano dinâmico de colocar o indivíduo na esfera do conhecimento, muitas vezes, para angariar através do saber a intenção da concepção de valores na humana docência, que se justifica nos fundamentos da educação em procurar fazer, reconhecer, construir, aprender, compartilhar, revisar, adequar e sobretudo respeitar o ser humano como protagonista na sociedade em que vive. Com isso, como causa de efeito, segundo Beisiegel, em análise da posição de Paulo Freire sobre o ponto de vista da educação e conscientização, “quanto a consciência intransitiva, vegetativa de vida da sobrevivência biológica” (Beisiegel, 2010, p.32), revela ainda que, “é uma consciência que não percebe nem pode perceber, claramente, pelo menos, o que há nas ações humanas de resposta a desafios e a questões que a vida apresenta ao homem” (Beisiegel, 2008, p. 81).

Neste caso, evidente que o indivíduo deverá ser protagonista na sociedade em que vive, para não ter uma consciência intransitiva, sem percepção das ações humanas. Sendo assim, a escrita feminina busca, através da literatura as razões de identificação da causa humana, para entender o processo evolutivo da vida e poder interagir com seus semelhantes numa corrente solidária, buscando o conhecimento considerando que a interação das pessoas possibilita o avanço e o progresso da nação.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, A. R. (2017). *Educação e História: As representações do século XIX em Francisca Senhorinha*. 2012. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação). Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Beisiegel, C. R. (2008). *Política e Educação Popular*. Brasília: Liber livro Editora.
- Beisiegel, C. R. (2010). *Paulo Freire*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, editora Massangana.
- Gadotti, M. (2006). *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. (15ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Cruz, A. S. (2012). Conceição Evaristo: Insubmissas lágrimas de mulheres. *Estudos de Literatura comparada brasileira*, 39, 255-258. doi: 10.1590/S2316-40182012000100014
- Evaristo, C. (1998). Ana Davenga. In: *Cadernos Negros: os melhores contos* (p. 31-34). São Paulo: Quilombhoje.
- Evaristo, C. (2007). Zaita esqueceu de guardar os brinquedos. In: *Cadernos Negros: contos afro-brasileiros* (p. 35-42). São Paulo: Quilombhoje.
- Evaristo, C. (2011). *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala.

Evaristo, C. (2017). *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê.

Hahner, J. E. (2008). *Emancipação do Sexo Feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Ed. Mulheres/EDUNISC.

Herculano, A. (1837, 6 maio). Introdução. *Jornal Literário e instrutivo "O Panorama"*. 6 de maio de 1837, página 1.  
Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm>

Peres, A., & Cid, X. M. (2007). *Educação Social, animação social cultural e desenvolvimento comunitário*. Universidade de Vigo Faculdade de Ciência da Educación. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro-Sociedad Iberoamericana de Pedagogia Social.